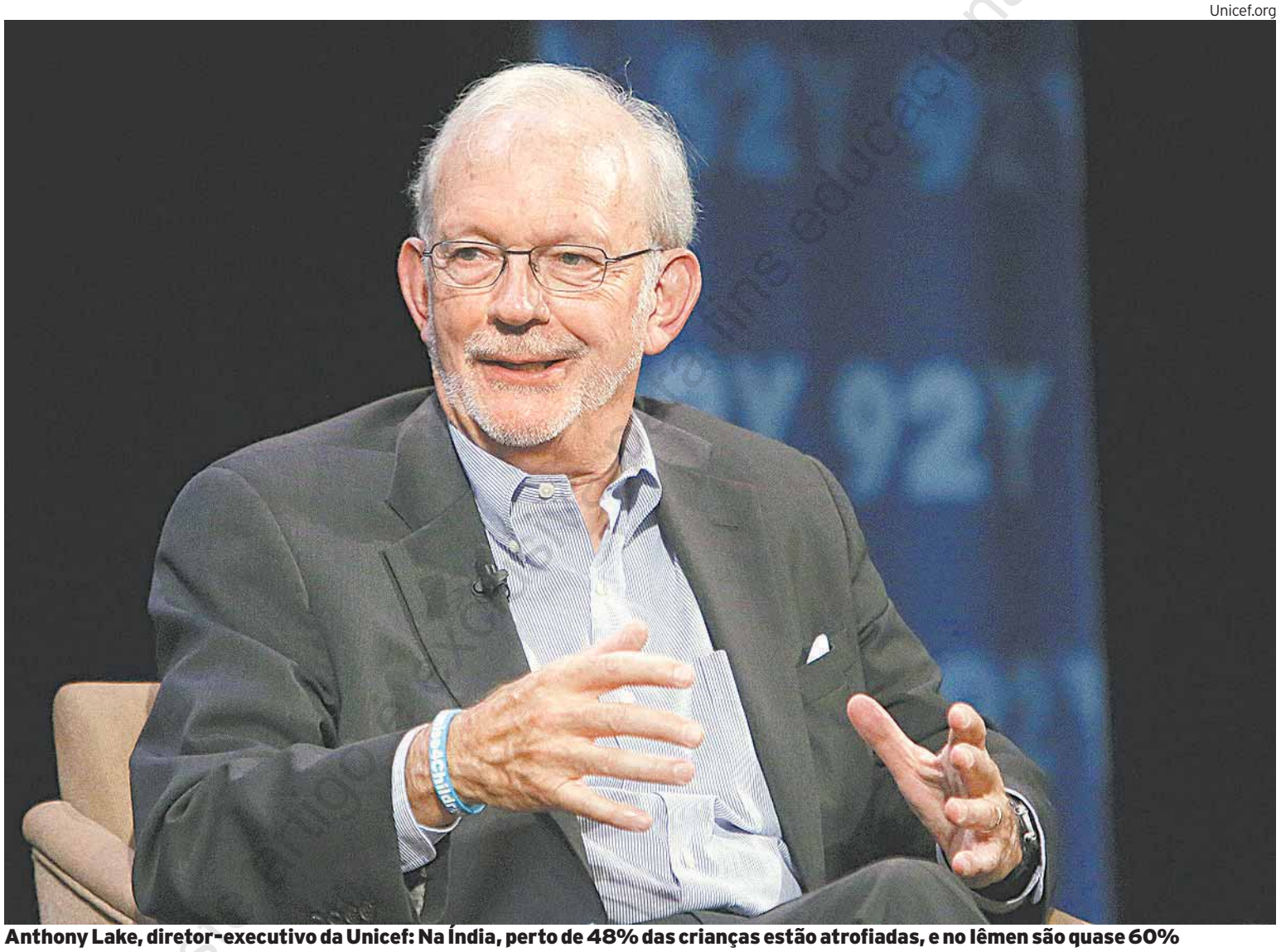
Unicef alerta que desnutrição afeta 165 milhões de crianças

Diretor-executivo da entidade diz que problema ocorre até em países relativamente ricos, onde há distribuição desigual dos recursos, e que são necessários US$ 7 bilhões ao ano para socorrer grupo de 20 nações mais pobres

Unicef.org



Anthony Lake, diretor-executivo da Unicef: Na Índia, perto de 48% das crianças estão atrofiadas, e no Iêmen são quase 60%

Cerca de 165 milhões de crianças no mundo todo são atrofiadas pela desnutrição quando bebês e enfrentam um futuro de enfermidades, déficit educacional, baixa renda e pobreza, afirmou na sexta-feira o principal dirigente do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

O diretor-executivo Anthony Lake afirmou à Reuters que o problema da desnutrição está sendo vastamente menosprezado, em grande parte porque costuma ser confundida com a falta de comida.

Na verdade, disse ele, a desnutrição e suas irreversíveis consequências para a saúde afetam também países relativamente ricos, como a Índia, onde há abundância de alimentos, mas o acesso é desigual, e seu conteúdo nutricional pode ser baixo.

"A subnutrição, e especialmente a atrofia do crescimento, é uma das crises menos reconhecidas para as crianças do mundo", disse Lake. "É uma coisa horrível. Essas crianças estão condenadas", acrescentou.

A atrofia é a consequência da desnutrição nos primeiros mil dias de vida, incluindo a gestação. Crianças atrofiadas por desnutrição aprendem menos na escola e têm mais propensão a viverem na pobreza, tendo por consequência filhos que também sofrerão com esse problema, e criando uma maior disparidade entre ricos e pobres, segundo Lake.

"Os números são absurdos. Na Índia, por exemplo, cerca de 48% das crianças estão atrofiadas, e no Iêmen são quase 60%. Pense no empecilho ao desenvolvimento", afirmou o dirigente da Unicef.

"E o principal ponto é que (a atrofia) é absolutamente irreversível. Você pode alimentar uma criança abaixo do peso, mas, com uma criança atrofiada, por causa dos efeitos sobre o cérebro, há uma capacidade cognitiva permanentemente reduzida já por volta dos dois anos de idade."

Lake falou à Reuters em Londres antes da cúpula "Nutrição para o Crescimento", realizada no fim de semana pelos governos do Brasil e da Grã-Bretanha e pela Fundação Fundo de Investimento Infantil. Havia a expectativa de que países doadores aproveitassem o evento para se comprometerem a entregar mais verbas para o combate à desnutrição.

O Unicef diz que por enquanto deseja focar seus esforços em 20 nações --principalmente na África e Ásia-- onde vivem cerca de 70% das crianças atrofiadas pela desnutrição.

O custo para o combate à desnutrição nesses países é estimado em cerca de US$ 7 bilhões por ano, segundo Lake.

Para a UNICEF, os atrasos de crescimento e outras formas de subnutrição podem ser reduzidos através de "medidas como a melhoria da nutrição das mães, o aleitamento materno exclusivo desde o nascimento e a administração de suplementos de vitaminas e minerais". **Kate Kelland, Reuters**

Segundo a Unicef, o problema da desnutrição está sendo vastamente menosprezado, em grande parte porque costuma ser confundido com a falta de comida

Príncipe processa Forbes por dizer que ele tem só US$ 20 bi

O bilionário príncipe saudita Alwaleed bin Talal processou a revista Forbes por difamação num tribunal britânico, alegando que a avaliação de sua fortuna em US$ 20 bilhões ficou US$ 9,6 bilhões abaixo do valor real, informou o jornal britânico Guardian.

O príncipe, neto do fundador da Arábia Saudita e sobrinho do rei Abdullah, acusou o ranking de bilionários da revista de ser falho e tendencioso contra as empresas do Oriente Médio, depois de ter ficado na 26ª posição na lista deste ano.

Através de sua Kingdom Holding Company, o príncipe Alwaleed possui grandes participações nas empresas Citigroup, News Corp e Apple, entre outras. Ele também é proprietário ou co-proprietário de hotéis de luxo, incluindo o Plaza, em Nova York, o Savoy, em Londres, e o George V, em Paris.

A lista de bilionários do mundo da Forbes deste ano foi publicado em 4 de março, e no dia seguinte a Kingdom Holding disse que o processo de avaliação havia utilizado "dados incorretos" e "parecia destinado a pôr em desvantagem investidores e instituições do Oriente Médio". **Reuters**

Fonte: Brasil Econômico, São Paulo, 10 jun. 2013, Mundo, p. 26.